

Duas vezes 'Em Nome da América'

Tereza Spyer
;DALE!, PPG-ICAL / UNILA

Duas vezes ‘Em Nome da América’

Resumo:

Este artigo analisa o livro *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* (2007), no qual a historiadora Cecília Azevedo estuda as diretrizes da política externa dos EUA para a América Latina, em particular para o Brasil, via os Corpos da Paz. Igualmente, este texto analisa o documentário *Em Nome da América* (2017), no qual o cineasta Fernando Weller além de delinear um panorama histórico como o de Azevedo, bem como destacar o papel desempenhado pelos(as) voluntários(as) dos Corpos da Paz, ressalta o lugar geopolítico do Nordeste brasileiro no conturbado cenário das relações interamericanas. Por fim, esboçamos algumas considerações tendo em conta o debate estabelecido entre as duas obras.

Palavras-chave: História; Cinema; Corpos da Paz; Em Nome da América.

Dos veces ‘En el nombre de América’

Resumen:

Este artículo analiza el libro Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil (2007), en el que la historiadora Cecília Azevedo estudia las orientaciones de la política exterior estadounidense hacia América Latina, en particular hacia Brasil, a través de los Cuerpos de Paz. Asimismo, este texto analiza el documental Em nome da América (2017), en el que el cineasta Fernando Weller además de trazar un panorama histórico como el de Azevedo, así como de destacar el papel desempeñado por los(as) voluntarios(as) de los Cuerpos de Paz, resalta el lugar geopolítico del Nordeste brasileño en el convulso escenario de las relaciones interamericanas. Por último, esbozamos algunas consideraciones teniendo en cuenta el debate establecido entre ambas obras.

Palabras clave: Historia; Cine; Cuerpos de Paz; En el Nombre de América.

Twice ‘In the Name of America’

Abstract:

This article analyzes the book Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil (2007), in which historian Cecília Azevedo studies the U.S. foreign policy guidelines for Latin America, in particular for Brazil, via the Peace Corps. Likewise, this text analyzes the documentary Em nome da América (2017), in which filmmaker Fernando Weller besides outlining a historical panorama like Azevedo's, as well as highlighting the role played by Peace Corps volunteers, highlights the geopolitical place of the Brazilian Northeast in the troubled scenario of inter-American relations. Finally, we outline some considerations in light of the debate established between the two works.

Keywords: History; Cinema; Peace Corps; In the Name of America.

CINELATINO A/PRESENTA:

A PARTE DO MUNDO QUE ME PERTENCE

DIA / DÍA
04/06

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
9:00hr

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com TÍCIA-MONTEIRO, ELIANA DELGADO, WALL ASSIS e o ator MARCOS PIMENTEL.

VENDAS ONLINE: CINECATARATAS.COM.BR

CINELATINO A/PRESENTA:

ESTOUME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

DIA/DÍA
22/11

NO / EN
UNILA - JD UNIVERSITÁRIO: AUDITÓRIO MARTINA

+ DEBATE após a sessão com FERNANDO PRADO, VICTÓRIA DARLING e MARIANA MALHEIROS

ENTRADA GRATUITA

CINELATINO A/PRESENTA:

DIVINO AMOR

DIA/DÍA
24/09

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com JOÃO BARROS, ESTER FERREIRA e JOÃO R. DA SILVA

VENDAS ONLINE: CINECATARATAS.COM.BR

CINELATINO A/PRESENTA:

ELEIÇÕES

DIA / DÍA
28/05

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com FÁBIO GALVÃO, ANA CAROLINA SOUZA, GUSTAVO MOURÃO, GILBERTO MORENO, GLEICY RIBEIRO, MARCELO ANTONIO, LUCIANA BAILEIRA e VIVIANE TORQUATO

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

LUNAS CAUTIVAS

MARCIA PARADISO
ARGENTINA, 2013

01/11 - 18H - SALA C208

CINELATINO A/PRESENTA:

PALESTINA VIVE II

1º CICLO DE DEBATE E MOSTRA DE FILME

SÁBADO
1 DE AGOSTO
às 19h30 NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO IGUAÇU
2018

DEBATE após a sessão com FÁBIO GALVÃO, ANA CAROLINA SOUZA, GUSTAVO MOURÃO, GILBERTO MORENO, GLEICY RIBEIRO, MARCELO ANTONIO, LUCIANA BAILEIRA e VIVIANE TORQUATO

VENDAS ONLINE: CINECATARATAS.COM.BR

CINELATINO A/PRESENTA:

ESPERO TUA (RE)VOLTA

DIA / DÍA
03/09

NO / EN
AUDITÓRIO MARTINA - UNILA

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00HR

ENTRADA GRATUITA

DEBATE após a sessão com CÁTIA CASTRO, EMILY MORENO, JULIANA BAILEIRA e LUCIANA GB

CINELATINO A/PRESENTA:

JONAS E O CIRCO SEM LONA

22 OUTUBRO

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00HR

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com FÁBIO GALVÃO, ANA CAROLINA SOUZA, GUSTAVO MOURÃO, GILBERTO MORENO, GLEICY RIBEIRO, MARCELO ANTONIO, LUCIANA BAILEIRA e VIVIANE TORQUATO

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA / DÍA
12/06

NO / EN EL
AUDITÓRIO MARTINA

SESSÃO / SESIÓN
ÀS / A LAS
16:00hr

DEBATE após a sessão com o diretor / con la sesión con la directora

ENTRADA GRATUITA

CINELATINO A/PRESENTA:

ARONESA

dirigido por JULIANA ANTUNES

SEGUNDA (24)
às 19h
no CINE CATARATAS

Compras na Bilheteria, terminais de auto atendimento e no site: www.cinecataratas.com.br

Valor promocional: R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

MEU NOME É DANIEL

DIA/DÍA
19/11

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$ 5,00

DEBATE após a sessão com PATRICIA QUEIROZ e TÁHIANA COELHO

VENDAS ONLINE: CINECATARATAS.COM.BR

CINELATINO A/PRESENTA:

MOSTRA XAVANTE

01 E 02 OUTUBRO

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$ 5,00

EXIBIÇÃO E DEBATE COM MÁRIO RAMÃO E CLOVIS BRIGIENTI

CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA
30/04

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO EXTRA
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$5,00

1ª MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA XAVANTE EM PERSPECTIVA

ENTRADA GRATUITA

Data: 28 e 29 de maio de 2018

Local: Cine Cataratas (sala 3)

Horário: 21h30

CINELATINO A/PRESENTA:

Café Com Lona

DIA
09/03

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$5,00

CINELATINO A/PRESENTA:

HISTÓRIAS QUE NOSSO CINEMA (NÃO) CONTRUÍ

DIA
09/03

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$5,00

CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

AMÉRICA ARMADA

ALICE LANARI E PEDRO ASBEG
BRASIL, 2018

30/10 - 19H - SALA C208

CINELATINO A/PRESENTA:

O PROCESSO

Documentário "O Processo" chegou em Foz!
Quinta-feira, às 19h, no Cine JL

Debatedoras:
Michele Dantas, Tereza Spyer, Camilla Vital

Apoio:

Organização: Projeto de extensão "Formação política e cidadania na interface entre TAES, UNILA e comunidade"

CINELATINO A/PRESENTA:

O NÓ DO DIABO

DIA
20/11

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00

ENTRADA
R\$ 5,00

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C. ORTIZ

CINELATINO A/PRESENTA:

BACURAU

PRÉ-ESTREIA

DIA/DÍA
04/08

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00hr

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com FABIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR

VENDAS ONLINE: CINECATARATAS.COM.BR

CINELATINO A/PRESENTA:

ROMA

APRESENTAM

VENDEDOR DE SORVEM

JARAGUÁ PRODUÇÕES, PLANO 9 e INQUIETA CONVIDAM PARA

EXIBIÇÃO DO FILME + DEBATE COM DIRETOR, TEREZA SPYER (UNILA) E ESTER MARÇAL (UNILA)

EM NOME DA AMÉRICA

DIA 24/08 - 16H30 - FOZ DO IGUAÇU (PR)

UNILA - CAMPUS JARDIM UNIVERSITÁRIO - AUDITÓRIO MARTINA (SALA 309)
(AV. TARQUÍNIO JOSLIN DOS SANTOS, 1000 - JD. UNIVERSITÁRIO - FOZ DO IGUAÇU)

A SESSÃO ESTARÁ DENTRO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINECLUBE CINELATINO.

CINELATINO A/PRESENTA:

NO CORAÇÃO DO MUNDO

DIA/DÍA
29/10

NO / EN
CINE CATARATAS

SESSÃO
ÀS / A LAS
19:00HR

ENTRADA
R\$5,00

DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C. ORTIZ



Introdução

Este artigo trata de duas obras e o debate estabelecido entre elas: *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* (2007), da historiadora Cecília Azevedo e *Em Nome da América* (2017), do pesquisador e realizador Fernando Weller. A inspiração para escrever este texto advém da sessão de *Em Nome da América*, realizada em 24 de agosto de 2018, na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), parte da programação do *Cineclube Cinelatino*. Ao final da exibição, houve um debate que contou com a presença do diretor, no qual ele afirmou que o livro de Azevedo foi fundamental para a realização do longa, tomando inclusive emprestado parte do título desta obra para nomear o filme.

Vale destacar que Azevedo é uma das principais referências no Brasil entre os(as) pesquisadores(as) dedicados à História dos Estados Unidos. Professora aposentada da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem larga experiência nos temas relacionados aos estudos sobre Estados Unidos, política externa e relações interamericanas. O livro *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* é fruto da sua pesquisa de doutorado, cuja tese foi defendida em 1999 no Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP).

Por sua vez, Weller concilia a carreira de docente/pesquisador com a de cineasta. Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dedica-se ao estudo do gênero documental, com destaque para a sua tese de doutorado intitulada *Cinema Direto: a estética da intimidade no documentário dos anos 60 nos EUA e Canadá*, defendida em 2012 na mesma universidade. Como cineasta, além do filme analisado neste artigo, dirigiu também o documentário *Língua Mãe* (2010), em parceria com Leo Falcão, que trata da experiência do músico Naná Vasconcelos em um projeto de oficinas musicais para crianças de Angola, Brasil e Portugal (JOAQUIM, 2010).

Neste artigo, em um primeiro momento, tratarei do livro *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil*, no qual Azevedo estuda as diretrizes da política externa dos EUA para a América Latina, em particular para o Brasil, via os Corpos da Paz. Em um segundo momento, tratarei do documentário *Em Nome da América*, no qual Weller além de delinear um panorama histórico como o de Azevedo, bem como destacar o papel desempenhado pelos(as) voluntários(as), ressalta o lugar geopolítico do Nordeste brasileiro no conturbado cenário das relações interamericanas. E por fim, nas conclusões, esboço algumas considerações tendo em conta o debate estabelecido entre as duas obras.

Antes de passar para o próximo subitem do artigo, gostaria de compartilhar com os(as) leitores(as) duas informações importantes. Em primeiro lugar, sou uma grande admiradora do trabalho de Azevedo. Além disso, ela é uma pesquisadora muito generosa e uma referência importante no campo de pesquisa de História da América no Brasil. Em 2013 tive a honra de contar com a sua participação na minha banca de defesa de doutorado. Em segundo lugar, quero dizer que este artigo não teria sido possível sem a colaboração de Weller. Devo a ele o acesso ao filme e a muitos materiais extras. Além disso, em 2020 Weller participou da banca de um Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA, orientado por mim, desenvolvido por Evelio Alegre Mesa, intitulado *Voluntariado, política e integración: una nueva concepción de las relaciones Estados Unidos – Paraguay*.

Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil

No livro *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* Azevedo estuda a política exterior dos EUA para a América Latina, particularmente a relação entre EUA e Brasil no período em que vigorou a Aliança para o Progresso (1961-1971), assim como o período em que os Corpos da Paz atuaram no Brasil (1961-1981). A autora analisa a instituição Corpos da Paz, sua cultura organizacional, seus projetos no Brasil e as experiências e memórias de ex-voluntários(as) que aqui atuaram. Além dos documentos oficiais recolhidos nas bibliotecas e nos arquivos dos EUA, a historiadora fez várias entrevistas e logrou reunir valiosas fontes privadas fornecidas pelos(as) voluntários(as), como relatórios, cartas, diários, livros de memórias, álbuns de fotos, etc.

Na “Introdução” e nos capítulos “Fundamentos” e “Nos meandros da política exterior”, Azevedo faz uma análise da política externa dos EUA. De acordo com a pesquisadora, a Aliança para o Progresso, lançada pelo presidente John Kennedy em 1961, buscava frear os movimentos revolucionários e anti-imperialistas na região, alguns dos quais inspirados pela Revolução Cubana. Até então, a América Latina tinha baixa prioridade em relação às diretrizes da política externa dos EUA. Porém, a Revolução Cubana alterou drasticamente as relações interamericanas, em particular a percepção estadunidense da relação entre desenvolvimento econômico e segurança regional. A lógica por trás da Aliança para o Progresso era a de que “o método mais eficaz de evitar a instabilidade e revoluções na América Latina não seria o uso do big stick, mas a transferência de tecnologia e de assistência financeira” (AZEVEDO, 2007: 132). Ainda para Azevedo:

O combate ao comunismo passou a ser conjugado ou traduzido em termos de uma missão civilizadora, consubstanciada em programas de assistência social e econômica de longo prazo, cujos exemplos maiores seriam a Aliança para o Progresso e os Corpos da Paz. A ideia era dirigir para o exótico e carente Terceiro Mundo um empreendimento ousado e moralmente elevado. (...) Kennedy preocupava-se em assentar a hegemonia de seu país não só na coerção, mas também no consenso. A ideia era defender o “mundo livre” não só por meio das armas, mas também por uma política de assistência internacional, conciliando objetivos ou interesses socioeconômicos com os militares e geopolíticos. Conforme Kennedy, no combate à “subversão” comunista “não se pode separar armas de estradas e escolas” (AZEVEDO, 2007: 33).

A assistência internacional era destinada a projetos relacionados à saúde e à educação, bem como à promoção de programas agrícolas e de distribuição de renda, com o intuito de combater os bolsões de miséria e de pobreza, no marco da “guerra santa americana contra a pobreza” (AZEVEDO, 2007: 95). Além disso, as verbas deveriam ser investidas em projetos que procurassem acabar com o analfabetismo, fomentar programas de habitação popular e o fornecimento de água potável, melhorar os sistemas de transporte público e de saneamento básico, entre outros.

Entretanto, grande parte das metas da Aliança para o Progresso não foram alcançadas, especialmente pelas suas fragilidades organizacionais e institucionais. Além disso, a maior parte dos custos na gestão dos projetos cabia aos próprios países envolvidos. Segundo avalia Azevedo, a Aliança foi “enterrada” no “Consenso de Viña del Mar”, de 1968. Neste documento, os países da região afirmaram a “necessidade de conduzir o desenvolvimento regional segundo seus critérios próprios”. Ainda para Azevedo, “o receituário modernizador que guiava o programa demonstrava uma absoluta falta de acuidade em relação à realidade social, política e cultural latino-americana” (AZEVEDO, 2007: 146-147).



Assim, a famosa “aliança entre iguais” (espécie de lema da Aliança para o Progresso) não gerou os frutos esperados. De acordo com Azevedo, durante os 10 anos de sua existência, o programa recebeu inúmeras críticas: de especialistas – notadamente no que diz respeito aos problemas de estrutura e a incapacidade dos países alcançarem as metas propostas nos prazos determinados por Washington; das elites locais – que eram contra as reformas sociais propostas pois estas infringiam seus privilégios seculares e poderiam levar à revolução comunista; bem como dos setores de esquerda – que percebiam a Aliança para o Progresso como instrumento do imperialismo estadunidense, “uma versão adocicada da Doutrina de Segurança Nacional” (AZEVEDO, 2007: 149). Ademais, o programa tampouco contribuiu para o fortalecimento da governabilidade democrática, conforme constava nas suas metas. Entre os anos 60 e 70 do século passado, a região foi tomada por golpes que instauraram ditaduras, muitas delas com apoio direto dos EUA.

Nesse cenário, o sucessor de Kennedy, Lyndon Johnson, adotou uma política pragmática de apoio aos governos pró-EUA na América Latina. Paralelamente, houve o aprofundamento dos conflitos da Guerra Fria no plano global, em especial com a Guerra do Vietnã, o que fez com que os países da América Latina voltassem ao status de baixa prioridade na agenda da política externa dos EUA. Muito enfraquecida, a Aliança para o Progresso teve menos relevância ainda no governo de Richard Nixon, que a percebia como uma iniciativa falida de Kennedy e de Johnson. Por isso, Nixon concentrou seus esforços em manter a ajuda estadunidense para os governos que apoiavam os EUA na região e com isso a iniciativa chegou ao fim em 1971. Para Azevedo: “A América Latina deixava de ser vista como uma ameaça à segurança dos EUA. A própria Revolução Cubana passou a ser considerada como resultado de um processo peculiar de Cuba. O sentido de urgência deu lugar ao desinteresse” (AZEVEDO, 2007: 164-165).

Nos capítulos “História institucional”, “Projetos” e “Experiências e memórias”, a historiadora aborda o tema central do livro, isto é, o estudo dos Corpos da Paz, agência governamental criada em 1961. Esta tinha como objetivo fornecer assistência comunitária e promover o desenvolvimento dos países do chamado Terceiro Mundo através de uma “revolução pacífica” (AZEVEDO, 2007: 78). De acordo com a pesquisadora: “Responsável pelo envio de cerca de 150 mil voluntários ao exterior, a agência se mantém até hoje como uma das mais consagradas pela opinião pública norte-americana” (AZEVEDO, 2007: 17).

Para Azevedo, não é possível compreender o significado dos Copos da Paz dissociado da figura do ex-presidente Kennedy, pois a “origem e todas as glórias da agência” são a ele associadas e sua gestão influenciou diretamente as escolhas dos(as) voluntários(as), sendo estes(as) chamados de “filhos de Kennedy”. Ainda segundo a autora, “É eloquente o fato de que em 1964, ou seja, no ano imediatamente posterior ao assassinato de JFK, os Copos da Paz tenham recebido 45 mil pedidos de alistamento, o maior índice anual de sua história” (AZEVEDO, 2007: 44).

Importa destacar que para criar os Copos da Paz Kennedy se inspirou nas premissas do filósofo William James, que defendia a criação de um “exército da paz” no qual jovens estadunidenses pudessem servir em todo o mundo advogando pela “paz e pela justiça”. Daí advém a ideia de criação de uma organização de “jovens embaixadores” dos EUA para servir ao redor do mundo, isto é, para estabelecer uma ofensiva contra os “missionários do comunismo internacional” (AZEVEDO, 2007: 55). O “ideal de serviço e de ação social direta” dos Corpos da Paz era reforçado pelo patriotismo, não aquele associado ao militarismo, “mas a uma nova ética, um novo sistema moral de honra cívica, que redundaria em uma nova ordem mundial fraterna” (AZEVEDO, 2007: 59).

Esta proposta, dirigida por uma “moral universal”, conforme ressalta Azevedo, pautou-se em um elemento religioso, que vinculava o pensamento social católico com a tradição missionária evangélica. Este elemento parece ter sido um fator importante na criação do programa, levado a cabo principalmente por Sargent Shriver, o primeiro diretor da agência. Ele ficou conhecido por articular um caráter ecumênico universalista com uma postura filantrópica calçada no excepcionalismo estadunidense. A tarefa dos(as) voluntários(as) era levar os valores da Revolução Americana para os países do Terceiro Mundo, pois “o caso particular dos EUA poderia ser generalizado e ensinado a outros povos (...) vistos como incapacitados para a democracia e para o desenvolvimento” (AZEVEDO, 2007: 95). Segundo destaca a pesquisadora: “Depois de Kennedy, nenhuma figura marcaria tão fortemente a memória dos Copos da Paz [quanto Shriver]” (AZEVEDO, 2007: 64). Todavia, embora oficialmente Kennedy e Shriver tentassem dissociar a atuação da agência da prática religiosa, estando as organizações religiosas fora dos contratos de gestão dos programas no exterior, “o vínculo dos Corpos da Paz com a tradição missionária norte-americana é inegável (...) [pois havia] uma associação e zelo missionário e devoção à pátria, o que reforça a ideia de religião civil” (AZEVEDO, 2007: 90).

De acordo com a historiadora, seguindo o exemplo dos Corpos da Paz, em um processo de influência recíproca, as igrejas cristãs ampliaram sua ação nos espaços de disputa e de decisão das nações periféricas, oferecendo soluções que apelavam para as implicações de cunho moral, sem impactar em mudanças de fato estruturais nos países em que atuavam. Para a autora: “A associação entre os Corpos da Paz e a missão cristã foi tal, que o sucesso da agência levou missões religiosas no exterior a recuperar o ânimo, copiando algumas de suas características” (AZEVEDO, 2007: 91).

Vale destacar que em termos administrativos a agência Corpos da Paz é composta por funcionários(as) federais e operada por cidadãos(ãs) estadunidenses, que servem como voluntários(as), isto é, devem contribuir como agentes de ajuda humanitária aos setores mais carentes dos países subdesenvolvidos. A principal meta nos anos 1960 e 1970 era instalar tantas bases e voluntários(as) quanto fosse possível. Para tal, havia um processo meticuloso de seleção e de treinamento, que incluía, de acordo com Azevedo, “investigação pelo FBI dos candidatos a voluntários; treinamento dos voluntários em filosofia e táticas comunistas, e o juramento dos selecionados afirmando que não advogariam a derrubada do governo americano” (AZEVEDO, 2007: 68).

O período mais profícuo desta agência foi precisamente a década de 1960 e, ainda que tenha existido um esforço institucional em dissociar os Corpos da Paz, o imperialismo dos EUA e as disputas da Guerra Fria, este teve pouco êxito, ainda mais com a invasão da República Dominicana em 1965 pelos EUA. Era evidente tanto nos EUA quanto no exterior o fato de que os Corpos da Paz eram um instrumento importante da política exterior estadunidense. Para Azevedo: “Nenhum outro episódio espelhará melhor a contradição entre a retórica da Aliança para o Progresso e dos Corpos da Paz e as intervenções norte-americanas, justificadas pelo objetivo de ‘deter o comunismo’” (AZEVEDO, 2007: 103).

Importa ressaltar que entre 1963 e 1966 os Corpos da Paz enviaram para a América Latina cerca de 7500 voluntários(as). Esse número diminuiu apenas com a escalada da Guerra do Vietnã, ainda que muitos voluntários tenham se valido do trabalho na agência para fugir da guerra. Entretanto, embora vários(as) tenham criticado publicamente o envolvimento dos EUA no Vietnã, isso indicava que havia uma grande contradição entre “o discurso e a condição de neutralidade da agência em relação à política exterior de seu país”, pois “a despeito das boas intenções da maioria dos voluntários, [os Corpos da Paz] funcionavam como uma agência de relações públicas para os EUA, legitimando e concedendo uma face benevolente à política imperialista norte-americana” (AZEVEDO, 2007: 105-106).



Nos anos 1980 a agência abandonou os programas de desenvolvimento comunitários que eram aplicados nos países da América do Sul (prioritariamente nas zonas rurais), e passou a pautar projetos com orientação empresarial em parceria com o setor privado (executados especialmente nas áreas urbanas), mudando o perfil dos programas de assistência internacional, sendo a América Central o novo foco da atuação dos Corpos da Paz. Com isso, de acordo com Azevedo: “Na América do Sul, ao contrário do que ocorria na América Central, a agência diminuiu muito a sua atuação. Em 1985, só o Equador e o Paraguai mantinham Voluntários da Paz” (AZEVEDO, 2007: 121).

Enquanto serviam no exterior estes(as) voluntários(as) se alojavam nas comunidades onde trabalhavam, permanecendo normalmente por um período de 2 anos. Ao “falar as línguas dos jovens”, os(as) “embaixadores(as) dos EUA” tinham como uma de suas metas contribuir para mudar a imagem antiestadunidense que prevalecia no plano doméstico em alguns setores sociais de muitos países da região. Entretanto, como muitos dos projetos eram desenhados em uma perspectiva unilateral, pautados em uma lógica paternalista e etnocêntrica, estes eram muitas vezes percebidos pelas comunidades dos países receptores como parte do imperialismo dos EUA. Azevedo, ao analisar a visão média dos(as) voluntários(as) sobre o tema, afirma que “Mesmo quando questionados pelos habitantes dos países receptores – que na maioria dos casos, não tinham dúvidas em os identificar com o governo dos Estados Unidos –, os voluntários faziam questão de afirmar, como um artigo de fé, sua independência” (AZEVEDO, 2007: 119).

Com relação ao perfil do voluntariado, a historiadora afirma que em um primeiro momento (década de 1960 e parte da década de 1970), a maioria dos(as) voluntários(as) eram jovens entre 20 e 30 anos, brancos(as) de classe média, solteiros(as) e sem filhos(as). Grande parte tinha formação universitária e alguma experiência prévia com atividades relacionadas aos grupos e entidades vinculadas aos principais movimentos sociais da época, como aqueles(as) que lutavam pelos direitos civis e atuavam nos movimentos sindical, feminista, pacifista, ambientalista, etc. Já em um segundo momento (final dos anos 1970 e anos 1980), após alterações significativas nas campanhas de recrutamento, a agência passou a contar com voluntários(as) casados(as), com filhos(as), pós-graduandos(as) e profissionais com formação mais técnica e com maior experiência laboral. Essa mudança de perfil está diretamente relacionada aos ataques que a agência sofreu nos governos republicanos de Nixon, Gerald Ford e Ronald Reagan.

Ainda que fossem formalmente proibidos de atuar politicamente, muitos(as) procuravam o programa exatamente porque tinham alguma vinculação com organizações e com grupos de espectro mais progressista. Azevedo ressalta que a origem da agência e do movimento pelos direitos civis é semelhante. Além disso, indica que os ideólogos da instituição nos anos 1960 (“os pais fundadores”) afirmavam haver um “espírito progressista” nos Corpos da Paz (AZEVEDO, 2007: 78). Um artigo publicado em 1962 pelo jornal *Washington Post*, citado pela pesquisadora, assevera que a agência tinha “o mérito de ter concedido à frustrada juventude americana um novo sentido de missão” (AZEVEDO, 2007: 84). Em vários lugares em que serviram eles(as) apoiaram os(as) trabalhadores(as), incentivando a organização de entidades e de assembleias comunitárias, inclusive para tratar de assuntos complexos como a reforma agrária. Entretanto, mesmo entre os(as) receptores(as) da ajuda internacional, havia muitas suspeitas em relação aos EUA, aos programas e aos(as) voluntários(as).

De acordo com Azevedo, durante os anos em que serviam no exterior, esses agentes tinham que fazer relatórios e demais registros das atividades desenvolvidas e, muitas vezes, ao retornarem aos EUA, escreviam sobre suas experiências para, entre outras coisas, ajudar a divulgar o programa. A maior parte deles(as) tinha uma avaliação positiva das ações desenvolvidas pelos Corpos da Paz, embora muitos(as) reconhecessem que a instituição era instrumento da política externa estadunidense.

No Brasil, a agência funcionou de 1961 a 1981, contando com a atuação de aproximadamente 6 mil voluntários(as). Depois do golpe de 1964, os Corpos da Paz expandiram consideravelmente suas atividades no país. Porém, esse processo arrefeceu na década de 1970, seja pelo desinteresse da juventude estadunidense em se candidatar ao trabalho voluntário patrocinado pelos EUA no contexto da escalada da Guerra do Vietnã, seja pelo corte de recursos que a agência sofreu durante os governos republicanos e também por conta da tentativa de controle por parte dos militares brasileiros das atividades desenvolvidas pelos Corpos da Paz. Nesse sentido, para Azevedo: “o governo brasileiro, mesmo não expulsando os Corpos da Paz, inviabilizou a continuidade dos programas” (AZEVEDO, 2007: 176). Ainda para esta pesquisadora:

O romantismo e o idealismo, que nutriram a agência durante a década de 1960, teriam se esgotado. (...) [Nos anos 70] Havia muito maior ceticismo e suspeição em relação aos Corpos da Paz no exterior, especialmente na América Latina, onde o espírito da Aliança para o Progresso já se dissipara. Os países do Terceiro Mundo demonstravam descontentamento pelo envio de bem-intencionados, mas despreparados generalistas. (...) Por se sentirem carentes de tecnologia, porém não inferiores culturalmente ou subdesenvolvidos politicamente, tais países não demonstrariam qualquer interesse no proselitismo dos agentes comunitários e tenderiam a dispensar os programas dos Corpos da Paz (AZEVEDO, 2007: 11).

Um dos pontos altos do livro é o estudo que Azevedo faz do fracasso dos projetos dos Corpos da Paz. É particularmente interessante o exame dos conflitos entre os Corpos da Paz e o Departamento de Estado e o Congresso dos EUA. Ela aponta ainda as contradições e incoerências dos projetos e as resistências enfrentadas para a aplicação dos mesmos, seja pelos(as) voluntários(as) – muitos(as) questionaram as instâncias administrativas superiores e foram bastante críticos com relação à política externa dos EUA –, assim como pelos(as) beneficiários(as) dos países receptores. Além disso, ao tratar os projetos específicos que foram formulados para as diferentes regiões do Brasil, Azevedo analisa as desconexões entre os prognósticos feitos pela agência e as ações efetivas praticadas por esta.

O último capítulo do livro, “Experiências e Memórias”, escrito com base nos documentos oficiais e nas entrevistas, bem como através da análise de relatórios, álbuns, cartas, diários e poemas doados pelos(as) voluntários(as), nos permite ter acesso às memórias desses importantes atores da política externa dos EUA. Assim, ao focar sua análise nos indivíduos que serviram no Brasil, *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil* nos permite conhecer outro lado do imperialismo estadunidense, ainda muito pouco estudado (JOSEPH; LEGRAND; SALVATORE, 1998), tornando a história da relação dos EUA com os países da América Latina e, em particular deste país com o Brasil, muito mais complexa.

A tônica final do livro, assim como do filme que será tratado na sequência, parece ser a nostalgia, ou a “saudade”, vocábulo constantemente presente nas falas dos(as) ex-voluntários(as) que atuaram no Brasil. Esses(as) agentes, tanto quanto os(as) beneficiários(as) dos programas dos Corpos da Paz, parecem ter sido muito mais conscientes do papel que desempenhavam neste tabuleiro de xadrez das relações interamericanas durante a Guerra Fria do que a historiografia tradicional lhes dá crédito. Desse modo, a partir de uma preciosa pesquisa histórica, Azevedo nos faz perceber que ainda que esses(as) embaixadores(as) “raramente assumiram o combate ao comunismo como objetivo do trabalho”, eram parte importante da engrenagem imperialista (AZEVEDO, 2007: 133).



Em Nome da América

Em Nome da América foi escrito e dirigido por Weller. O filme, que levou mais de cinco anos para ser finalizado, foi muito bem recebido pela crítica e ganhou duas condecorações importantes: o Prêmio Petrobras de Melhor Documentário Brasileiro na 41ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e o Prêmio de Melhor Filme no Festival Internacional de Filmes de Arquivo do Rio de Janeiro. Além disso, foi aclamado no Festival do Rio, no Cachoeira DOC, no Forum.Doc.BH e no X Janela Internacional de Cinema do Recife.

Ao contrário de Azevedo, que tratou dos projetos dos Corpos da Paz no Brasil entre 1961 e 1981, o recorte temporal e espacial do filme são os anos 1960 e 1970 e a atuação da agência no Nordeste brasileiro. O realizador afirma que o mote para fazer o documentário surgiu em 2008, fruto de uma anedota (WELLER, 2020). Ele teve conhecimento de que na cidade de Afogados da Ingazeira, no sertão pernambucano, tinha havido um boato de que o diretor estadunidense Steven Spielberg teria vivido lá como clandestino na década de 1960 para fugir da Guerra do Vietnã. Depois de conversar com algumas pessoas naquela localidade para tentar averiguar este “furo”, o cineasta tomou conhecimento da atuação dos Corpos da Paz no Nordeste. Quando se deu conta de que o “falso Spielberg era um voluntário da paz”, Weller passou a pesquisar sobre esta agência (CARLOTTI, 2018).

Segundo o diretor, embora tenha tido conhecimento da anedota em 2008, foi o contexto político brasileiro de alguns anos depois que o levou a realizar *Em Nome da América*. Isso porque em 2013 estourou o escândalo de espionagem dos e-mails da então presidenta Dilma Rousseff pela Agência de Segurança Nacional (NSA) dos EUA. O site WikiLeaks vazou documentos sigilosos da diplomacia estadunidense, revelando que os EUA haviam grampeado Rousseff e outros importantes nomes da gestão petista, como ex-ministros, diplomatas e assessores. Esse ato de espionagem, tão característico da Guerra Fria, demonstrou para o realizador que muitas das estratégias do imperialismo estadunidense seguiam as mesmas (WELLER, 2020).

De acordo com Weller, aquilo foi “o gatilho ou o prenúncio de tudo que nós começamos a viver no país a partir de então”, o que culminou com o golpe parlamentar de 2016. Ainda para o diretor, “Era evidente que a história em torno da atuação americana nos anos 1960 e 1970 no Nordeste seria muito mais importante para refletirmos sobre nossa condição atual do que aquela sobre um falso Spielberg. Assim, o filme ganhou outra dimensão” (CARLOTTI, 2018). Desse modo, no documentário: “Esse tema [espionagem] passou a ser (...) o elo que une as histórias do passado com o tempo presente” (WELLER, 2020: 7).

A centralidade que esta obra dá ao Nordeste, do ponto de vista geopolítico, mas também do ponto de vista narrativo, é um de seus maiores trunfos. Essa é uma das diferenças cruciais entre o livro de Azevedo e o documentário de Weller, pois não foi objetivo da historiadora se centrar no Nordeste, embora tenha tratado do Projeto do Rio São Francisco. Com relação a esta escolha pelo Nordeste, Weller afirma que “As narrativas em torno do golpe de 1964 no Brasil são, quase sempre, focadas nos acontecimentos da região Sudeste ou de Brasília e nós pouco abordamos a centralidade que o Nordeste tinha naquele momento da Guerra Fria” (CARLOTTI, 2018).

As sequências inicial e final do filme marcam o tom que o realizador escolheu para construir e dar unidade ao documentário. O longa inicia com um homem silenciosamente varrendo a neve da calçada de sua casa, a qual estampa uma bandeira do Brasil. Em seguida vemos alguém tocar violão e cantar “Carolina”, de Chico Buarque, com um marcado sotaque “gringo”. Ainda que o público não saiba neste momento que se trata de um ex-voluntário dos Corpos da Paz que viveu no Nordeste brasileiro entre 1969 e 1971, o carismático Bob Dean, somos sen-

sibilizados e nos abrimos para esta obra. Daí em diante, nos deparamos com um rol de personagens muito interessantes, vários(as) estrangeiros(as) – funcionários(as) e voluntários(as) dos Corpos da Paz – e diversos(as) moradores(as) da região que tiveram contato com os projetos da agência. *Em Nome da América* termina com o testemunho de “Seu Dioclécio”, um vendedor que trabalha próximo a Estátua da Liberdade do Jaraguá, localizada em Maceió (Alagoas). Segundo Luiz Joaquim, esta escolha “sintetiza, em termos concretos da imagem, o fracasso, como legado, da presença dos EUA por meio dos chamados ‘Voluntários da Paz’ em Pernambuco na politicamente tensa década de 1960” (JOAQUIM, 2018).

Para Weller, esta obra pode ser considerada um “documentário histórico”, pois suas perguntas fincadas no passado são fortemente influenciadas pelas contradições do tempo presente. “Assim como uma série de outros filmes produzidos desde 2013, [o longa] tenta entender o período que compreende a ditadura militar, que tinha acontecido há menos de 50 anos quando idealizei o projeto” (ALVES, 2018). Ainda sobre este tema:

O que eu percebi foi uma grande desconfiança em relação aos americanos e, ao mesmo tempo, uma memória afetuosa em torno dessa presença estrangeira (...). Então, o que me moveu inicialmente foi essa curiosidade para saber o contexto da vinda dessas pessoas. O projeto inicial partiu desse mito sobre a presença de Steven Spielberg no Nordeste, mas pouco a pouco, quando avancei na pesquisa em torno do tema, percebi que o filme tinha um potencial que ia além dos boatos no sertão e que precisava encontrar uma narrativa mais sóbria para dar conta da complexidade do contexto histórico no qual eu estava metido (IMS, 2018).

Para a execução do projeto foi realizada uma intensa pesquisa em arquivos brasileiros e estadunidenses. Nos EUA, Weller pesquisou nos Arquivos Nacionais (Washington) e também na Biblioteca John Fitzgerald Kennedy (Boston). A maior parte do tempo de pesquisa foi destinado à consulta dos documentos sobre os Corpos da Paz e ao estudo dos filmes feitos naquela época, particularmente os documentários institucionais.

Na obra aqui analisada temos a oportunidade acessar às imagens de dois materiais encontrados nestes arquivos que são riquíssimos e contribuem muito para a construção da narrativa cinematográfica de *Em Nome da América*: os documentários *Brazil: The Troubled Land* (1961), de Helen Rogers, e *The Foreigners* (1968), de Mark Harris.

O primeiro filme foi feito para ser exibido na televisão estadunidense. Buscava registrar as convulsões sociais em que o Brasil estava imerso no começo da década de 1960. Nesta obra se destacam as imagens de Francisco Julião e das Ligas Camponesas. O documentário mostra também como as elites agrárias brasileiras temiam que o Nordeste se convertesse em uma “nova Cuba”. Uma das cenas mais contundentes, reproduzidas no filme de Weller, é aquela em que o “coronel” Constâncio Maranhão, proprietário da Usina Catende, de arma na mão, declara que mataria quem ousasse organizar seus trabalhadores, afirmando que “As coisas sempre foram assim. Meus camponeses são preguiçosos. Se alguém vier aqui tentar organizá-los, eu mato. Esta é minha arma. Ela é a lei aqui. Ela decide tudo” (EM NOME..., 2017, 7:50-8:15 min).

Em *Em Nome da América* as imagens do filme de Rogers ajudam os(as) espectadores(as) a entender a centralidade do Nordeste neste complexo contexto da década de 1960. Além disso, também conseguimos entender como foi se formando uma certa visão sobre o Brasil em geral, e o Nordeste em particular, na opinião pública estadunidense. Conforme destaca Weller, *Brazil: The Troubled Land*: “É uma clara propaganda anticomunista que procura situar o movimento no campo em Pernambuco como uma ameaça continental” (IMS, 2018).



Já o segundo filme, uma encomenda dos Corpos da Paz da Colômbia, trata da atuação de jovens estadunidenses naquele país. A incorporação de trechos de filmes de arquivo é um dos pontos altos do documentário de Weller. Para o público é certamente um dos momentos mais interessantes e complexos do longa. As cenas dos(as) jovens voluntários(as) debatendo o que eles(as) estavam fazendo na Colômbia e qual o papel deles(as) no marco do imperialismo estadunidense mostram as contradições do trabalho realizado para os Corpos da Paz. Além disso, Weller também toma emprestado de *The Foreigners* algumas sequências em que os(as) camponeses(as) questionam o papel desempenhado pelos EUA em outros países. Em uma das falas mais contundentes, um deles afirma: “Vocês dizem que vão nos civilizar. Mas como, se levam todas as nossas riquezas, se entrevistaram na Guatemala e tomaram parte do território mexicano?” (EM NOME..., 2017, 1:50:43 min).

Conforme ressaltou Azevedo em seu livro, muitos(as) dos(as) voluntários(as) estavam vinculados(as) com os movimentos progressistas nos EUA que se fortaleceram na década de 1960. Ou seja, aquelas pessoas que se auto identificavam com as pautas progressistas no seu país de origem, como era o caso do grupo que estava na Colômbia, tinham propósitos muito diferentes daqueles propagados pela agência. Portanto, o que deveria ser uma propaganda institucional dos Corpos da Paz, se converteu em uma fortíssima autocrítica da presença dos EUA naquele país. Isso ajuda a explicar, segundo Weller, porque esse filme desapareceu do catálogo da agência durante tanto tempo, tendo sido “redescoberto” pelo cineasta brasileiro nos Arquivos Nacionais. Nem mesmo o diretor do documentário sabia do seu paradeiro. Para Weller:

Ali os voluntários foram filmados por uma equipe contratada pelos Corpos da Paz na Colômbia em um filme que deveria ser institucional, de propaganda, mas que se torna um documentário complexo e crítico ao programa de voluntariado. Há duas imagens, de Janis Joplin e Che Guevara, fixadas na parede na cena em que os voluntários se perguntam sobre os limites da sua atuação na Colômbia. Eles se perguntam se existiria, no fim das contas, alguma saída para a situação de subdesenvolvimento no país fora a Revolução (CARLOTTI, 2018).

O cineasta também logrou encontrar, durante o período em que esteve pesquisando nos EUA, trechos de filmes de arquivo feitos pelos Corpos da Paz no Brasil que mostram a atuação dos(as) voluntários(as) em diversas regiões e localidades. Essas imagens coloridas, filmadas em 16mm e bem preservadas, ainda que nos indiquem que aquilo tudo foi bastante performado, já que se tratavam de iniciativas institucionais, ajudam o público a ter uma ideia das experiências daqueles(as) “gringos(as)” no Brasil. Por fim, outro achado do qual Weller se orgulha:

(...) são imagens em cores do encontro de João Goulart com John Kennedy nos EUA, realizadas pela Marinha americana em 35mm e que nunca circularam fora dos arquivos. Eu só conhecia um registro em preto e branco feito pela Agência Nacional e, mesmo assim, tive dificuldades em encontrá-lo no Brasil. É emocionante poder dar visibilidade a essas imagens. Elas nos apresentam uma nova textura do passado. Seu valor não é apenas histórico, mas também estético (IMS, 2018).

Em Nome da América opera em múltiplas escalas, isto é, vai de Washington (DC) até Bom Jardim (PE), seja através de fotos, filmes de arquivo, documentos oficiais ou entrevistas. Mas certamente um dos elementos que mais impacta o público são as entrevistas. Entre 1960 e 1970 cerca de 6 mil voluntários(as) serviram no Nordeste brasileiro. Desse montante, Weller rastreou centenas e entrevistou dezenas ao longo de dois anos. Também neste período entrevistou muitas pessoas que tiveram contato ou foram os(as) receptores(as) dos projetos dos

Em Nome da América

Corpos da Paz. Com esta escolha, o diretor estabeleceu uma conversa crítica com o movimento conhecido como Cinema Direto, surgido principalmente nos EUA, no Canadá e na França no final da década de 1950 e início da década de 1960. Este movimento foi inclusive objeto de pesquisa de Weller, tendo resultado na obra *O cinema direto e a estética da intimidade no documentário dos anos 60* (WELLER, 2012).

Sobre a complexa relação entre entrevistador(a) e entrevistado(a) no gênero documentário, Weller afirma que sua principal referência de documentário é o filme *Santo Forte* (1999), de Eduardo Coutinho, no qual a questão da entrevista é basilar: “Gosto do entendimento da entrevista como lugar de criação de relações, de um encontro a partir do qual as identidades possam ser construídas durante a conversa. A ideia de enquadrar o outro a priori é totalmente o avesso desse tipo de cinema que o Coutinho promove” (GARRET, 2017). Em *Em nome da América* é perceptível o grande esforço empreendido pelo cineasta para ampliar o acesso ao filme, pois há um empenho em construir uma narrativa que não seja pautada em enquadramentos prévios. O público é convidado a se abrir para a obra, isto é, para ver e escutar aquelas pessoas que foram entrevistadas. Segundo declara o diretor:

Existe um grande estereótipo do que é o americano médio e uma certa resistência em aceitar que um filme vá ouvir e dar voz a essas pessoas. Parte-se do princípio de que eles são o império, que eles já têm voz, e as coisas não são bem assim. Acho que o filme demonstra que esse estereótipo dos americanos como um bando de Homer Simpsons – que absolutamente ignoram a realidade do mundo – é mais prejudicial a nós do que a eles. Se eu partisse de um estereótipo na relação com essas pessoas, eu jamais conseguiria acessar o entendimento que eles têm de nós (GARRET, 2017).

Ainda que existisse um rol de perguntas preparadas para os(as) entrevistados(as), compreendemos que houve no longa um espaço efetivo para a participação e co-criação da narrativa também por parte dos(as) entrevistados(as). As perguntas são ao mesmo tempo contundentes e generosas, e a câmera dá ênfase ao que está sendo relatado. Para Bianca Zasso “É ótimo perceber como os depoimentos e as explicações históricas surgem na tela de forma orgânica e o espectador consegue criar empatia com os entrevistados” (ZASSO, 2018). Já para Marcelo Müller, com isso o diretor “visivelmente foge à simplificação nos reencontros, fazendo desse expediente um gatilho para ambientar aquilo historicamente, valorizando mais o passado” (MÜLLER, 2018). De acordo com o próprio realizador: “Procuro explorar a presença ambígua dos americanos no Brasil sem julgar os personagens, mas situando suas ações em um contexto político maior, muito além das vontades individuais” (MORAIS, 2018).

Embora tenha entrevistado dezenas de pessoas, no documentário se destacam alguns depoimentos. O primeiro deles é precisamente aquele com o qual o filme começa, a entrevista com Bob Dean. Esse depoimento é uma declaração de amor ao Brasil. Dean narra, visivelmente emocionado, sua atuação nos Corpos da Paz no Nordeste, num tom marcadamente nostálgico. Outro depoimento de grande força é o de Nancy Scheper-Hughes. Ela recorda como foi trabalhar no Nordeste logo após o golpe de 1964. Já a entrevista com Selma Sawaya é também caracterizada por fortes emoções, pois ela ressalta que os lugares em que viveu e trabalhou estavam marcados por fome e miséria. Outro depoimento que chama à atenção é de Wally Winter, confundido por alguns moradores como “espião americano”.

Por sua vez, a entrevista com John Reeder tratou principalmente do tema da proibição institucional dos(as) voluntários(as) de se envolverem com política nos países em que serviam. Conforme já destacamos, este é também um assunto proeminente no livro de Azevedo. Essa



interdição era fulcral tanto na seleção e no treinamento nos EUA, quanto no trabalho de campo, sendo um tópico que muito preocupava os(as) supervisores(as) locais. Outro depoimento que importa realçar aqui é o de Bruce Jay. Através dele, o público consegue ter uma dimensão do trabalho realizado por alguns(as) voluntários(as) com integrantes das Ligas Camponesas. Finalmente, outra entrevista marcante e muito nostálgica, é a de Stephen Dachi, antigo diretor da agência no Brasil. Esse depoimento simboliza muito bem as contradições que muitos(as) agentes dos Corpos da Paz viveram e vivem ainda hoje, uma espécie de ativismo desiludido. Sobre isso, Weller afirma que as incoerências vividas pelos(as) voluntários(as) são “o cerne do filme” pois:

O filme trata de uma grande contradição, que é você ter jovens americanos que fugiam da Guerra do Vietnã porque não se alinhavam ao pensamento da política externa norte-americana, que acabaram atuando em projetos comunitários, inseridos num contexto de combate ao comunismo e manutenção das estruturas sociais e políticas do Nordeste. (...) Muitos deles só se deram conta depois. Só quando voltaram aos Estados Unidos é que eles perceberam que, de alguma forma, foram instrumentalizados. Ao mesmo tempo, qual a alternativa que eles tinham? É um dilema moral, o que fazer diante dessa situação: ir para o Vietnã ou atuar em programas que estão servindo de fachada para outros interesses? (CANOFRE, 2018).

Além das entrevistas, outro trunfo do filme são os reencontros décadas depois dos(as) voluntários(as) com conhecidos(as) e amigos(as) brasileiros(as). Um desses reencontros é também um dos momentos cruciais de *Em nome da América*, que ressalta os privilégios de raça e classe. Me refiro ao encontro entre a ex-voluntária Nancy Scheper-Hughes (branca/antropóloga) e Irene da Silva (negra/doméstica). Durante a conversa, Irene afirma para o entrevistador (Weller) que não tem muito o que falar por ser gente “pequena” e que quem para ela é gente “grande” e deve falar é precisamente a ex-voluntária Nancy (EM NOME..., 2017, 14:50-18:28 min). Esta questão fica igualmente evidente no momento em que o realizador (branco) entrevista “Seu Dioclécio” (negro). Ao indagar sobre o significado da Estátua da Liberdade e qual era a sua opinião sobre os americanos, “Seu Dioclécio” responde:

Esta estátua é da Princesa Isabel que libertou a cor morena, né? (...) Eu não tenho nem o que dizer dos americanos. Porque esta história é pra quem sabe ler. Eu sou analfabeto, apenas tenho uma sobrevivência longa, 73 anos completos, não tive estudo (EM NOME..., 2017, 1:31:55-1:35:00 min).

É importante destacar aqui também um recurso utilizado por Weller no documentário que parece ser uma influência da sua experiência como docente. Para que os(as) espectadores(as) tenham um panorama dos pontos-chave daquele contexto histórico, o diretor insere ao longo do filme pequenos cartazes com elementos da explicação histórica, organizados de forma cronológica e por assunto. Esse recurso didático, isto é, as palavras escritas em papel recortadas e organizadas no formato de mapa mental, que conformam uma espécie de lousa/quadro negro típico das salas de aula no Brasil, cria quebra-cabeças que auxiliam o público a compreender o cerne do discurso fílmico naquele determinado contexto. Isso envolve os(as) espectadores(as) em um jogo que o documentário faz ao articular passado e presente em um tempo que parece cíclico, pois uma das premissas do filme é a de que alguns acontecimentos podem voltar a ocorrer, como por exemplo, os golpes de Estado.

Como já foi dito, através dos depoimentos dos(as) voluntários(as) os(as) espectadores(as) têm acesso às contradições dos Corpos da Paz, isto é, o filme problematiza as incoerências entre as aspirações individuais e as metas da agência. Deste modo, Weller foi muito hábil ao or-

Em Nome da América

questrar tanto os diversos documentos pesquisados, quanto às diferenças de opiniões oferecidas pelas entrevistas. No entanto, há que se ressaltar que está bem marcado o ponto de vista do diretor. Nas suas próprias palavras: “Montei primeiro as imagens e o universo dos personagens para depois encontrar um discurso que, ao mesmo tempo, garantisse o meu ponto de vista e não sufocasse os pontos de vista de cada uma das pessoas que falam no filme” (CARLOTTI, 2018). Ainda para o cineasta:

Havia entre os jovens naquele período pessoas que enxergavam no projeto algo realmente humanista. Muitos deles estavam tentando ser úteis de alguma forma, algo que não seriam se tivessem que ir para a Guerra do Vietnã. Então, encontrar essas duas fontes representou justamente essa ideia de contradição. Alguém que genuinamente se emociona ao lembrar das dificuldades que encontrou no período passado no sertão e outro que estava lá por outras razões, montando todo um instrumento para, dentro daquela ajuda humanitária, aparelhar um projeto maior no real interesse americano (BARRETO, 2017).

Outro elemento importante a ser enfatizado é que no filme há espaço tanto para o âmbito macro da política imperialista estadunidense, quanto para o âmbito micro. Segundo afirmou o diretor: “O que mais me impressiona na história que eu quis apresentar é o nível de interesse que o governo americano (...) [tinha] em um lugar minúsculo como Bom Jardim” (BARRETO, 2017). No longa temos a oportunidade de ver entrevistas com o alto escalão da agência e também com os estratos mais baixos na hierarquia. Isso nos permite ampliar o espectro dos agentes envolvidos na atuação dessa instituição no Nordeste, bem como as contradições que eles carregam ainda hoje. Para Joaquim, nos depoimentos “contemporâneos daqueles então jovens bem-intencionados, e hoje idosos simpáticos, fica claro que, à época, eles já eram questionados sobre seu trabalho. E não apenas por letrados, mas também pelos próprios camponeses pernambucanos a quem ajudavam” (JOAQUIM, 2018).

Assim, por meio desta obra, o público tem contato direto com as principais tensões geopolíticas do período e os impactos dessas no campo brasileiro, particularmente no Nordeste, considerada pelos EUA como uma das regiões com maior potencial de “risco subversivo” na América Latina. *Em Nome da América* nos apresenta importantes informações sobre o movimento camponês, as reações das elites latifundiárias, o papel ambíguo vivido pela Igreja Católica, bem como a ingerência estadunidense em Pernambuco via atuação das agências e dos programas de cooperação. Tal questão fica ainda clara na categórica fala de Dachi, quando este afirma que:

Os EUA investiram mais dinheiro na assistência ao desenvolvimento em Pernambuco do que em qualquer outro lugar. E, cinco anos depois, não havia sinal de sua presença. E essa é a história da assistência americana não só no Brasil. É a mesma história no Iraque, no Afeganistão, onde estivemos recentemente” (EM NOME..., 2017, 24-29:30 min).

Em nome da América permite que os(as) expectadores(as) igualmente percebam as articulações entre o governo dos EUA, setores da Igreja Católica e sindicatos de trabalhadores rurais que trabalhavam para desmobilizar as Ligas Camponesas. Isso porque os EUA se valeram do poder da Igreja para canalizar recursos para os sindicatos rurais legalizados durante a ditadura. Segundo Weller: “Uma parcela da Igreja atuou junto com os EUA para criar sindicatos rurais domesticados e atrair essa massa de trabalhadores rurais que estava – ou potencialmente poderia estar – envolvida com as ligas camponesas” (CANOFRE, 2018).

Além deste país ter financiado a compra e a manutenção de sedes de sindicatos rurais, lideranças ligadas à Igreja operavam em parceria com o Instituto Americano para o Desenvolvi-



mento do Sindicalismo Livre (IADESIL), que tinha como objetivos principais eliminar as influências comunistas nos sindicatos latino-americanos (que seguiam um modelo sindical corporativista visto pelos EUA como fortemente associado ao comunismo) e promover a ideia de um sindicalismo “livre e democrático”, baseado no modelo contratualista estadunidense (CORRÊA, 2017). Nesse sentido, durante a pesquisa, Weller lembra que teve acesso às cartilhas do IADESIL que indicavam a necessidade de um sindicalismo que deveria abrir “mão de um projeto revolucionário em favor de ‘ganhos concretos’ para o trabalhador” (CARLOTTI, 2018). Ademais, muitos(as) voluntários(as) antes do golpe atuaram junto às cooperativas e sindicatos rurais que trabalhavam em parceria com o Serviço de Orientação Rural de Pernambuco (SORPE), organização criada em 1961. Conforme destaca o realizador:

Os sindicatos foram criados com a clara intenção de disputar a massa de camponeses órfãos das extintas Ligas Camponesas de Francisco Julião (...) o que o filme demonstra é uma profunda contradição. Os mesmos jovens que vinham ao Nordeste investidos de um espírito voluntário acabaram por atuar em programas cujos objetivos estavam muito além da suposta ajuda humanitária (CARLOTTI, 2018).

Outra questão que estes(as) jovens enfrentavam era o receio por parte das populações locais. A relação entre os(as) voluntários(as) e os(as) sertanejos(as) foi muitas vezes permeada por afeto e, ao mesmo tempo, desconfiança. Muitos foram confundidos com espíões. A espionagem, tema intrínseco à Guerra Fria, permeava o imaginário dos(as) beneficiados(as) das ações dos Corpos da Paz. No documentário esta questão é explorada através da entrevista com o suposto espião da CIA, Timothy Hogen. Weller chegou até ele pela leitura do livro *A Revolução que não houve* (1972), de Joseph Page. Na versão em português, com tradução de Ariano Suassuna, não há menção direta a Hogen, a obra apenas indicava que um espião da CIA havia atuado no Nordeste. Porém, o realizador afirma que ao conversar com voluntários(as) no processo de filmagem, estes mencionaram diretamente a Hogan por conta do livro de Page, pois o nome do suposto espião constava na versão original do livro em inglês. E essa descoberta resultou em um dos momentos mais fulcrais do filme e, também, mais tensos.

Ora respondendo em português, ora em inglês, Hogen rebateu categoricamente as acusações feitas por Page de que ele mantinha uma fachada de funcionário do governo dos EUA, mas que na verdade era um espião da CIA que buscava desmobilizar as Ligas Camponesas. Uma das perguntas mais contundentes se referiu precisamente a sua atuação contra as Ligas Camponesas, a qual ele respondeu afirmando que o fracasso político das esquerdas no Brasil se deveu à uma falta de organização interna e de preparação dos camponeses, já que “(...) o Brasil é um pouco desorganizado (...) há uma virtude na desorganização. Se os comunistas fossem bem organizados, poderia haver problema. Ao contrário de Cuba, o camponês no Brasil tem pouca instrução” (EM NOME..., 2017, 1:17-1:25 min).

Sobre as dificuldades de se realizar esta entrevista, de acordo com Weller: “Acho que ele percebeu que não estávamos ali para julgá-lo. Eu prefiro não afirmar categoricamente que ele foi um espião da CIA e deixo essa conclusão para o público que assistir o filme” (CARLOTTI, 2018). Ainda sobre este tema, segundo o cineasta:

Tentei, por meio da montagem, mostrar um pouco do que foi a real tensão daquele momento. Soube do Tim tardiamente, não na fase da pesquisa, mas enquanto filmava. Eu já tinha voltado ao Brasil (...). Tive, então, de voltar aos Estados Unidos exclusivamente para isso. Todavia, ele ficou surpreso quando batemos em sua porta, do tipo “vocês vieram, mesmo?”. Nos disse para voltar noutro dia, mas argumentei que não era possível e isso gerou tensão. Mas, depois, no decorrer da conversa, ele ficou um doce (MÜLLER, 20018).

O documentário termina com a já mencionada sequência da Estátua da Liberdade. Nesse momento, há um plano que foca rapidamente em uma imagem de material de campanha dos ex-presidentes Lula e Dilma. Parte da crítica especulou bastante se isso no documentário buscava relacionar a interferência dos EUA nos golpes de 1964 e de 2016. Sobre este tema Weller afirmou que:

Eu não diria que o plano expresse isso, embora concorde com a ideia. O que o filme demonstra é que existe uma atuação muito capilar da inteligência norte-americana de intervenção em governos locais. (...) O cartaz dela com o Lula tenta, talvez, transportar essa percepção de que há continuidade nessa política. No fundo, o legado disso tudo foi a manutenção da presença estrangeira. A imagem do cartaz é melancólica. Ele está ali, rasgado, misturado ao da mulher pelada. Aquilo é uma lembrança de um sonho, de certa maneira (MÜLLER, 2018).

Considerações finais

As obras analisadas neste artigo são fruto de amplas e minuciosas pesquisas, além de apresentarem histórias muito cativantes. Livro e documentário constroem narrativas potentes, valendo-se de entrevistas, vasto material de arquivo e extensa documentação histórica. Ambos possibilitam perceber como os Corpos da Paz atuavam no Brasil, em particular no Nordeste, bem como o que pensavam os atores desses projetos, envolvidos nos diversos conflitos daquele contexto.

Azevedo e Weller nos permitem conhecer de forma privilegiada algumas contradições vividas pelas sociedades brasileira e estadunidense durante a Guerra Fria. Os governos dos EUA (tanto republicanos quanto democratas) seguem na atualidade retoricamente defendendo o excepcionalismo estadunidense, em particular a defesa da “liberdade” e da “democracia” do “mundo livre”, sem reconhecer que os “desafios” dentro de casa podem ser ainda maiores que fora, como foi possível perceber quando houve a invasão do Capitólio por grupos de extrema direita no começo de 2021 (JUNQUEIRA, 2021; MIGUEL, 2021).

Tanto o livro quanto o filme também propiciam compreender “a capacidade que governos, agências, empresas ou grupos políticos têm para interferir no curso da nossa história” (MORAIS, 2018). As duas obras igualmente auxiliam no enfrentamento dos “negacionismos” e dos “revisionismos históricos” tão característicos do nosso tempo. São livros e filmes como os de Azevedo e de Weller que contribuem para gerar uma contra narrativa à “onda revisionista das ditaduras” (CHARLEAUX, 20018). Sobre isso o cineasta afirmou: “É uma obrigação nossa fazer com que essa memória não se apague, especialmente num momento que tem uma parcela grande da população com nostalgia da ditadura” (CANOFRE, 2018).

Vale destacar que as duas obras só foram possíveis de serem realizadas por conta do acesso que ambos pesquisadores tiveram aos arquivos estadunidenses. E isso coloca em evidência o tema da preservação e do acesso aos arquivos, portanto, do acesso à história. No Brasil nem todos os documentos estão disponíveis para consulta e em boas condições de preservação e, muitos deles, principalmente aqueles dos arquivos imagéticos, são muito caros. As imagens foram e seguem sendo relegadas (CANORE, 2018).

Após analisar as duas obras, é notável que houve um proveitoso diálogo entre Azevedo e Weller. Esse diálogo continuou mesmo após a finalização do documentário, como se vê no livro *5 temas sobre o filme Em nome da América*. Nesta obra o realizador, que também é o organizador do volume, reuniu 5 artigos, dentre eles um de Azevedo, “que olham o passado, mas dialogam



com o presente” (WELLER, 2020: 6). Na introdução, o cineasta aproveitou para agradecer a historiadora “pelo diálogo super generoso” durante a pesquisa para o filme (WELLER, 2020: 13).

Para Pedro Oliveira, ainda que o realizador não seja historiador, “a composição de seu documentário é sensivelmente permeada por noções que não apenas respeitam processos caros à profissão, como servem de alicerce para profícuos debates a respeito do tema que propõe” (OLIVEIRA, 2019: 71). O cineasta toma um enorme cuidado ao tratar das problemáticas próprias da história, em particular a História do Tempo Presente, pois o documentário “não se impõe como formulação histórica, mas como produto cinematográfico que a respeita profundamente”. Ainda para Oliveira:

Em nome da América é, sem dúvidas, um documentário de importância ímpar a quem se propõe examinar o momento histórico que ele cobre. Seja por seu potencial documental, seja por seu método de observância e representação da realidade, coloca em tela caminhos profícuos aos historiadores. Sua linguagem parece dialogar intensamente com a desses profissionais, mesmo que sua narrativa se direcione também ao público leigo. Neste caso, abre interessantes e instigantes portas ao conhecimento sobre o tema (OLIVEIRA, 2019: 73).

Sobre a sua interlocução com a história, Weller declarou que “Apesar de não ter formação em história, eu trabalhei em arquivos e sempre tive uma paixão por documentos e por imagens do passado” (CARLOTTI, 2018). Já no que diz respeito às diferenças entre a produção historiográfica e a cinematográfica, de acordo com o diretor:

Um filme, no entanto, é outra coisa. É a possibilidade de ver e ouvir o relato emocionado de uma mulher que se lembra da “falta de carne” nas nádegas das crianças desnutridas que vacinou no Nordeste ou o olhar silencioso de um homem que se vê confrontado com a acusação de ter sido agente da CIA passados 50 anos da sua vinda ao país (CARLOTTI, 2018).

Estas duas obras são ainda mais importantes neste contexto que estamos vivendo do predomínio da “pós verdade”, no qual os fatos são menos relevantes na formação da opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais (D'ANCONA, 2018). Além disso, livro e filme ajudam a entender a conjuntura atual, permeada pelas “guerras culturais”, conceito manipulado pelas direitas políticas para se referirem aos avanços das pautas progressistas (SANTOS, 2021). Nesse sentido, finalizo o artigo com mais uma fala de Weller:

Eu espero que tanto meu filme como tantos outros feitos sobre a época da ditadura sirvam para não esquecer esse período, num momento em que um grupo enorme de pessoas pedem a volta dela (ditadura), e para que as pessoas se deem conta de que somos instrumentalizados por processos políticos que também vem de fora (ALVES, 2018).

Referências

ALVES, P. “Documentário ‘Em nome da América’ estreia no Recife e em outras oito cidades”. **G1 PE**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/documentario-em-nome-da-america-estreia-no-recife-e-em-outras-oito-cidades.ghtml>.



AZEVEDO, C. **Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2007.

BARRETO, J. "Em Nome da América traz reflexão geopolítica para Cachoeira". **A TARDE**, 2017. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/cinema/noticias/1893252-em-nome-da-america-traz-reflexao-geopolitica-para-cachoeira>. Acesso em: 09/09/2019.

CAETANO, M. "Em nome da América". **Revista de Cinema**, 2018. Disponível em: <http://revista-decinema.com.br/2018/04/em-nome-da-america/>. Acesso em: 09/09/2019.

CANOFRE, F. "'Tratar como teoria da conspiração é ingenuidade', diz diretor de filme sobre interferência dos EUA no Nordeste". **SUL 21**, 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/04/tratar-como-teoria-da-conspiracao-e-ingenuidade-diz-diretor-de-filme-sobre-interferencia-dos-eua-no-nordeste/>. Acesso em: 09/09/2019.

CARLOTTI, T. "Documentário resgata atuação de 'Corpos da Paz' no Nordeste". **Carta Maior**, 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/404.cfm?CFID=74415073&CFTOKEN=81087935>. Acesso em 02/12/2019.

CHARLEAUX, Paulo. "Por que há uma onda revisionista das ditaduras sul-americanas. Marcos Napolitano, doutor em história pela USP, fala ao 'Nexo' sobre a relativização dos crimes cometidos pelos regimes militares que governaram a região". **Nexo Jornal**, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/09/02/Por-que-ha-uma-onda-revisionista-das-ditaduras-su-americanas>. Acesso em: 05/11/2019.

CORRÊA, L. **Disseram que voltei americanizado – Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar**. Campinas: UNICAMP, 2017.

D'ANCONA, M. **Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake News**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

EM NOME DA AMÉRICA. Brasil, Documentário, 96 min, 2017. Direção e roteiro: Fernando Weller. Produção: Jaraguá Produções e Plano 9/Carol Ferreira e Mannu Costa. Direção de fotografia e câmera: Nicolas Hallet. Som direto: Danilo Carvalho. Montagem: Caio Zatte e João Maria. Trilha sonora: Juliano Holanda. Edição de som e mixagem de som: Catarina Apolônio. Direção de arte e identidade visual: Paula K. Santos/Juliana Santos.

GARRET, A. "'Ver americanos como Homer Simpsons é mais prejudicial a nós do que a eles'". **Cine Festivais**, 2017. Disponível em: <http://cinefestivais.com.br/fernando-weller-fala-sobre-o-filme-em-nome-da-america/>. Acesso: 12/12/2019.

IMS. "Nova textura do passado". **Instituto Moreira Salles**, 2018. Disponível em: <https://ims.com.br/blog-do-cinema/nova-textura-passado/>. Acesso em: 20/11/2019.

JOAQUIM, L. "Três continentes, uma voz. Projeto Língua Mãe". Cinema Escrito, 2010. Disponível em: <https://www.cinemaescrito.com/2010/02/tres-continentes-uma-voz/>. Acesso em: 04/10/2019.

JOAQUIM, L. "**Em nome da América**. De "boas intenções" a América está cheia". Cinema Escrito, 2018. Disponível em: <https://www.cinemaescrito.com/2018/04/em-nome-da-america/>. Acesso em: 12/12/2019.

JOSEPH, G.; LEGRAND, C.; SALVATORE, R. (eds.). **Close Encounters of Empire; Writing the Cultural History of US-Latin American Relations**. Durham: Duke University Press, 1998.

JUNQUEIRA, M. "A invasão do Capitólio à luz da História: a extrema direita como uma das tradições dos Estados Unidos". **Jornal USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a->



-invasao-do-capitolio-a-luz-da-historia-a-extrema-direita-como-uma-das-tradicoes-dos-esta-dos-unidos/. Acesso em: 15/01/2021.

LIMA, M. **Construindo o sindicalismo rural: lutas, partidos, projetos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MIGUEL, L. Despolitização e antipolítica: a extrema-direita na crise da democracia. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 8-20, 2021.

MÜLLER, M. "Em Nome da América: Entrevista exclusiva com Fernando Weller". **Papo de Cinema**, 2018. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/especiais/em-nome-da-america-entrevista-exclusiva-com-fernando-weller/>. Acesso em: 24/11/2019.

MORAIS, F. "'Em Nome da América': o que faziam os 'Peace Corps' no Brasil em 1964?". **No-caute**, 2018. Disponível em: <https://nocaute.blog.br/2018/04/03/em-nome-da-america-retrata-os-interesses-dos-eua-no-golpe-militar-de-1964-no-brasil/>. Acesso em: 24/11/2019.

OLIVEIRA, P. **Em nome da América**, de Fernando Weller. Boletim Historiar, vol. 05, n.01. Jan/Mar 2019, p. 71-73. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>. Acesso em: 23/12/2019.

PESSOA, B. "Os ianques vêm aí". **Diário de Pernambuco**, 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/04/os-ianques-vem-ai.html>. Acesso em: 24/11/2019.

SANTOS, Frederico. O que se entende por retórica da Guerra Cultural. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 180 – 227, jan. – mar. 2021.

WELLER, F. **O cinema direto e a estética da intimidade no documentário dos anos 60**. Tese (Doutorado em Comunicação), UFPE, 2012.

WELLER, F. "Introdução". In: **5 temas sobre o filme Em nome da América** (Livro + DVD) / Fernando Weller (org). Recife: Funcultura, p.4-13, 2020.

ZASSO, B. "Crítica". **Papo de Cinema**, 2018. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/em-nome-da-america/>. Acesso em: 23/11/2019.